



HAL
open science

A cidade a través dos sentidos

Jean-Paul Thibaud

► **To cite this version:**

Jean-Paul Thibaud. A cidade a través dos sentidos. Cadernos Proarq. Revista de arquitetura e urbanismo do Proarq, 2012, 18, pp.1-16. hal-00980748

HAL Id: hal-00980748

<https://hal.science/hal-00980748>

Submitted on 6 Jun 2023

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons Attribution - NonCommercial 4.0 International License

A cidade através dos sentidos

Jean-Paul Thibaud

Ecologia urbana dos sentidos

A cidade contemporânea está passando por inúmeras mudanças que estão redefinindo sua aparência e acompanhando o surgimento de novos contextos de sensibilidade. A magnitude de tais transformações faz com que o termo “cidade” esteja se tornando cada vez mais obsoleto e agora se torna mais adequado usar o termo “urbano”. Mudanças tão profundas na vida urbana demandam novas perspectivas teóricas e novos modelos de inteligibilidade para descrevê-las. Dentre estas mudanças, podemos listar um crescente interesse no ambiente sensível dos espaços habitados. Publicações recentes testemunham isso e se focam cada vez mais na percepção, paisagem, sensações, o corpo, ambiências e outros termos diretamente relacionados às experiências comuns dos habitantes da cidade. Apesar de ser exagerado e prematuro falarmos em um ponto de mutação sensorial na pesquisa contemporânea, podemos identificar a crescente presença de tais tópicos nas Ciências Sociais. Em outros termos, questões estéticas não aparecem mais como secundárias ou subordinadas, elas estão claramente se tornando um elemento chave no pensamento urbano contemporâneo.

Esta abordagem, na qual o corpo e os sentidos ganham permissão para existir, despreza as estritas divisões disciplinares e opera com um espectro científico bastante amplo. Ao estudar o encaixe entre o sensível e o social, atualizar os esquemas de percepção cultural, ao escrever uma história das sensibilidades, tirar as medidas do espaço vivido, desenhar uma arquitetura para os sentidos, repensar o lugar destes no pensamento filosófico ou fazer cair por terra a percepção comum através da performance artística, sempre haverá referências à experiência e dará atenção especial aos registros sensoriais. Em suma, vários caminhos estão abertos, que se cruzam e se complementam no desenvolvimento de uma ecologia dos sentidos do cotidiano, no sentido mais amplo do termo. É como se estivéssemos testemunhando uma mudança fundamental que está redefinindo a forma como pensamos o mundo a nossa volta.

Uma observação mais cuidadosa das pesquisas sobre cidades rapidamente torna evidente que essa tendência geral fornece um solo fértil para reflexão. A partir do foco de Henri Lefebvre nas “realidades prático-sensíveis” nas cidades, há muitas propostas que visam introduzir o corpo do morador nas sensações urbanas. Assim, o ato de andar é frequentemente tido como ponto de partida para o pensamento e permite um exame da relação sensorial do morador com o seu meio. Consequentemente, podemos descrever as formas de viver na cidade e revelar o poder afetivo de lugares ao fazer perguntas sobre o “imaginário social”. Os sentidos, assim, se tornam o ponto de partida *par excellence* da expressão do morador. Alternativamente, o foco é mais direcionado aos costumes sociais dos habitantes, para descrever suas várias estratégias e hábitos. Atividades banais como andar ou sentar são minuciosamente observadas, com máxima atenção ao contexto no qual, e do qual, elas ocorrem. Outros estão interessados na sociabilidade pública e no arranjo das interações sociais. A troca de olhares, portanto,

tem um papel fundamental em testar a evitação polida entre os transeuntes e a civilidade do olho humano. Finalmente, é a própria materialidade da cidade que é selecionada pela percepção sensorial, revelando e detalhando as “características vividas” dos ambientes construídos. Usar a percepção parece não só possível mas, de fato, inevitável para aqueles que buscam capturar e restabelecer a natureza concreta da experiência humana; dependendo do contexto, é preciso uma abordagem mais sensível ou cognitiva.

Conforme os problemas ambientais do planeta se tornam mais evidentes e urgentes e a natureza pública dos espaços urbanos fica muito desafiada, parece mais importante do que nunca embarcar em reflexões profundas sobre a cidade sensível. Não é uma questão de se lamentar sobre problemas energéticos, climáticos, políticos, econômicos, demográficos ou técnicos, mas sim sobre como nós habitamos o mundo urbano, como nos encaixamos e o experimentamos no cotidiano. A hipótese aqui é que os sentidos são o pano de fundo de uma experiência do morar, um ponto central entre as ecologias da sociedade, da mente e do meio ambiente (Guattari, 1989). O desafio é grande, já que envolve o entendimento sobre como as mudanças em larga escala no território urbano são incorporadas e propagadas no cotidiano. Se o campo sensível pode clamar aqui sua relevância, isso deve sobretudo por ser uma das expressões mais presentes e imediatas de uma mudança que ocorre no meio ambiente. Isso envolve a elaboração de um paradigma estético para um pensamento renovado sobre ecologia urbana. Uma das questões mais relevantes é, portanto, criar uma ecologia urbana dos sentidos que forneça acesso ao contexto estético da experiência comum. Como o espaço urbano contemporâneo controla os sentidos dos moradores da cidade? Como a experiência sensível funciona tanto como analisadora e operadora das mudanças urbanas atuais? O que o pensamento sobre a cidade sensível nos diz sobre as formas de vida atuais e as maneiras de conviver? Que ferramentas conceituais e metodológicas podemos usar para iniciar o trabalho de campo nesta área?

Tais perguntas criaram diversas correntes de pensamento, as quais introduziremos brevemente. Sem a intenção de ser exaustivo, discutiremos três principais correntes que tem uma abordagem sensível da cidade:

- a estética da modernidade, que exploram as consequências das mudanças nas grandes cidades no início do século passado;
- a estética ambiental, atenta particularmente ao papel da natureza nos espaços vividos;
- a estética das ambiências, focadas na tonalidade afetiva da arquitetura e dos espaços urbanos.

Antes de introduzir cada item acima, note que o termo estética deve ser compreendido aqui em seu sentido original de *aesthesis*, i.e., percepção pelos sentidos e não somente como julgamento de gosto ou filosofia da beleza.

A estética da modernidade

O pensamento urbano tem sido marcado por mais de um século por vários tipos de pesquisa sobre as experiências sensoriais dos moradores da cidade. Podemos traçar as

origens desta orientação ao trabalho pioneiro de Georg Simmel, particularmente seu ensaio sobre a metrópole e a vida mental, seguidos pelos trabalhos de Siegfried Kracauer e Walter Benjamin. Apesar das grandes diferenças entre estes três autores, eles tem traços em comum e cada um buscou combinar, de sua própria maneira, pensamento sociológico e abordagem estética. Ao enfatizar a forma como as mudanças no ambiente urbano afetam a experiência e a percepção dos moradores e, ao fazê-lo, modifica o *sensorium* humano (Simay, 2005), estes autores pavimentaram o caminho para uma ecologia urbana dos sentidos que continuou a se desenvolver até o presente. Conhecemos os argumentos usados no início do século passado para descrever o processo de estetização das cidades modernas: a natureza hiper-estimulante das metrópoles, o embotamento dos sentidos dos moradores, o desenvolvimento de uma recepção desinteressada, a dominância da visão sobre os outros sentidos e a perda da experiência comunicável em favor de uma estética do choque. Tais fenômenos moldaram a reconfiguração das relações sensíveis dos moradores das grandes cidades no início do século XX.

Tal pesquisa tem o mérito de mostrar que uma ecologia sensorial urbana específica de fato existia, com suas propriedades e características. Foi focando em grandes cidades europeias – Berlim e Paris em particular – que estes autores puderam pensar sobre as transformações das estruturas da experiência moderna. O intuito não era analisar a realidade subjacente do mundo sensível e torná-la um campo livre de qualquer determinação, mas sim conectá-la à sua condição de potencial material, técnico, cultural ou histórico. Como afirmou Walter Benjamin (2003), “A maneira como a percepção humana se organiza, o meio no qual ela é alcançada, é determinada não só pela natureza mas também por circunstâncias históricas.” Em outras palavras, não podemos descrever a experiência sensível sem explicar também as condições que a nutrem e que a tornam possível. O desafio é mostrar como ocorreu no começo do último século uma mudança na sensibilidade, como nasceu a estética de massa e como ela afetou as várias mudanças no trabalho nas grandes cidades.

Siegfried Kracauer e Walter Benjamin tiveram uma abordagem mais crítica e mais abertamente política que Georg Simmel; enquanto Kracauer alegremente investigava a realidade empírica do período, Benjamin preferia a arqueologia da modernidade. Mas os três autores desenvolveram uma abordagem em comum que apresentava os fenômenos microscópicos e concretos do cotidiano. Novos meios de percepção no *milieu* urbano foram implantados nos fatos e gestos dos transeuntes; eles ocorriam nas situações mais banais e se cristalizavam na estrutura construída das cidades. Um mosaico de fenômenos que moldavam e preenchiam o mundo sensível foram então revistos: por exemplo, a reserva do morador da cidade que protege do excesso de estímulos, confrontos silenciosos nos bondes que revelam a importância do olhar, os cumprimentos matinais furtivos dos motoristas de taxis aprendendo a responder à aceleração das trocas, a abundância de shows em Berlim revelando o culto à distração, o efeito produzido pelas fantasmagóricas passagens cobertas, os efeitos dos *close-ups* e da câmera lenta no cinema que surge, e treinamento de espectadores na experiência do choque. Em suma, os detalhes mais comuns da vida urbana envolveram a sensibilidade de uma era inteira.

Ao invés um sistema introspectivo, a abordagem consistia em multiplicar as cenas microscópicas do cotidiano para desenhar um retrato da cultura sensível moderna. A cidade foi então tomada pelo “fenômeno da importância medíocre” (G. Simmel),

“manifestações superficiais discretas” (S. Kracauer) e “imagens dialéticas” (Benjamin) que precisavam ser observadas, descritas e compreendidas. Em outras palavras, não uma ecologia urbana dos sentidos que tenha uma abordagem onisciente, mas sim uma abordagem baseada no estranhamento das situações cotidianas. Ainda assim, se os autores estivessem desencantados com a modernidade, isso foi revelado mais em imagens e formas do que em conceitos. Daí a atenção especial às novas formas de descrever a experiência urbana. Daí as novas formas de escrita testadas para reproduzir fenômenos como dispersão e distração, sensações cruas e as violentas comoções que constituíam as atmosferas da época. Fragmentos, colagens, ensaios, crônicas, séries e citações eram todas propostas formais que permitiam uma leitura da estética do choque que acontecia nas metrópoles modernas. Métodos de exposição que estavam em maior sintonia com a própria estrutura da experiência urbana tomaram o lugar do discurso linear e monológico. Isso certamente estava na articulação entre a análise social da modernidade e a narrativa das ambiências urbanas.

Estética ambiental

Uma segunda e mais recente abordagem, que foi originalmente usada em pesquisas em países anglo-saxões, trata o meio ambiente como possível campo de experiência estética. Tais pesquisas também objetivam ultrapassar a estéticas das artes plásticas e não julga obras específicas ou objetos isolados de seus contextos, mas sim dentro dos espaços vivos onde os seres humanos estão imersos. Fortemente influenciados pela cultura da estética da natureza do século XVIII, estéticos ambientais se desenvolveram no terço final do século XX sob influência da sensibilidade ecológica crescente dos cidadãos. Tomando o meio ambiente como seu modelo, se ocupa mais com a arte do paisagismo e jardinagem, espaços selvagens e áreas de agricultura, gradualmente começou a olhar para ambientes urbanos e construídos, assim como para o enorme campo da arte ambiental. Pesquisas tão variadas como as que se referiam às fantasias da Disney World, a visão dos motoristas em movimento, *design* de interiores, andar pela cidade ou fazer compras em *shopping centers* surgiram desta tradição (Berleant, Carlson, 2007). É óbvio que o termo “meio-ambiente” não está mais restrito ao mundo natural, mas agora também cobre uma ampla gama de situações comuns. Um avanço recente na estética ambiental levou à conexão com a estética do cotidiano (Light e Smith, 2004).

Longe de ser homogênea, a estética ambiental em muito contribuiu para duas perspectivas relativamente distintas: uma que é predominantemente cognitiva, com ênfase nos conhecimentos diversos envolvidos na experiência estética, e uma que é predominantemente sensível e mais proximamente conectada à natureza imediata, afetiva e multi-sensorial de tal experiência. Enquanto a primeira é mais focada no papel do enquadramento cognitivo na apreciação estética e na importância do saber científico e tradições culturais, a última tende a ressaltar o caráter contextual de qualquer experiência estética, na imersão do sujeito sensível no mundo circundante com o qual ele ou ela está envolvido. Assim, Cheryl Foster (1998) fez uma distinção entre as estéticas ambientais “narrativas” e “ambientes”.

É Arnold Berleant quem cria as bases para esta segunda abordagem sensível e pragmática quando desenvolve as noções conjuntas e *continuidade* e *engajamento*. A noção de continuidade envolve o questionamento da abordagem dualista que separa a mente do corpo, o natural do cultural e o ser humano do meio ambiente. Berleant (1992)

argumenta seguindo a tradição de John Dewey, “Não há mundo externo. Não há lado de fora. Tampouco há refúgio interno no qual eu posso me proteger de forças externas pouco amigáveis... Pessoas e o meio ambiente são contínuos.” O meio ambiente não é um mero recipiente ou uma entidade externa que pode ser estudada independentemente da experiência que ele cria. Nesta perspectiva, o ser humano é necessariamente conectado com o mundo do qual ele ou ela é uma parte. Tanto é assim que podemos falar em engajamento estético, que é uma noção-chave da estética ambiental. Ao invés de conceber o sujeito como um observador que não se envolve com o mundo que ele observa, ele deve ser visto como um participante ativo engajado nas situações que confronta. Imersões corporais com postura de envolvimento ativo substituem um mecanismo de distanciamento baseado em uma atitude desinteressada. Deve-se ressaltar, entretanto, que a ideia de engajamento estético é objeto de muito debate dentro da estética ambiental. Alguns autores se recusam a opor contemplação e participação de forma radical e sistematicamente favorecer o último em detrimento do primeiro (Leddy, 2004).

Finalmente, devemos apontar a conexão direta entre estética ambiental e o movimento ambientalista, tal como ele surgiu nos Estados Unidos na década de 60. Apesar de não se resumir à contribuição para a conservação e a preservação, esta orientação ecológica e voluntária ainda permanece presente nas pesquisas dedicadas a assuntos puramente urbanos. Notando a deterioração no meio ambiente, a estética ambiental tenta isolar as condições necessárias para uma existência urbana feliz. Apesar de o ambiente urbano estar fervilhando com inúmeros recursos e potencialidades estéticas, isso não necessariamente significa que ele é sempre capaz de prover uma experiência plena e completa. Claro, uma atenção especial é dada ao lugar da natureza na cidade, mas, como demonstrou Arnold Berleant, devemos também reconhecer a extensão da complexidade do ecossistema urbano e buscar examinar suas dimensões funcional, imaginária, metafísica e cósmica. Assim, várias propostas tem sido formuladas para identificar os critérios necessários para um ambiente urbano de qualidade, entendido em termos estéticos: um meio que incentiva liberdade para agir, fornece uma experiência multi-sensível e busca envolver os moradores da cidade. Já que é necessário uma abordagem meliorista cujo objetivo é melhorar as condições urbanas, a estética ambiental é forçada a se remeter também à questões éticas. Um campo de pensamento está debatendo como o meio ambiente urbano poderia abrigar e expressar valores positivos ou, como sugeriu Allen Carlson (2007), “parecer como deveria.”

A estética das ambiências

Uma terceira abordagem estética lida com ambiências urbanas e arquitetônicas. Fortemente influenciada pela fenomenologia e focada nos aspectos construídos e materiais dos espaços habitados, o campo das ambiências tem se desenvolvido em ritmo acelerado nos últimos vinte anos e é composto por um movimento duplo.

O primeiro movimento – o de determinação – envolve esclarecimento e definição da noção de ambiência. A abordagem desta noção tem se tornado mais complexa ao longo do tempo e tem originado algumas reformulações. A visão clássica de “controlar ambiências” envolvidas na propagação de sinais em espaços construídos e a distinção entre um meio ambiente construído de um ponto de vista puramente físico foi substituída por uma concepção mais interdisciplinar que recupera a importância da percepção sensível e da experiência estética. As Ciências Sociais estão envolvidas e

trabalham paralelamente às ciências de *design* e da engenharia. Em suma, ambiência é definida como o espaço-tempo experimentados em termos sensíveis. Mais qualitativo e aberto, este novo modelo de inteligibilidade da noção de ambiência foi moldado através do tempo e desenvolveu suas próprias categorias de análise (efeitos sonoros, objetos ambientes, configuração sensível), métodos de investigação *in situ* (abordagens comentadas, observações recorrentes, reativação acústica, etnografia sensível) e ferramentas de modelagem (modelagem declarativa, modelos morfo-dinâmicos, simulação inversa) (*Les Cahiers de la Recherche Architecturale*, 1998; Grosjean, Thibaud, 2001).

O segundo movimento - de diferenciação - envolve a proposta de uma alternativa às outras abordagens do meio ambiente sensível das cidades e é dessa maneira que a ambiência se difere de todas as outras abordagens baseadas em limitações, funcionalidades, confortos ou paisagens. É um quinto eixo que busca conexões transversais entre as formas sensoriais, espaciais e sociais. Assim, a abordagem ambiental busca se livrar das perspectivas dos ambientes normativos; se distingue das abordagens excessivamente positivistas e de uma orientação estritamente psicofísica; ela enfatiza a atividade do sujeito sensível e o papel dos hábitos sociais no *design* sensível da infraestrutura construída e foca sua atenção nas tonalidades afetivas da vida urbana. Um dos aspectos fundamentais da noção de ambiência é que ela postula a unidade do mundo sensível ao invés de, primeiramente, dissociar os sentidos e depois buscar uni-los novamente. Daí a difícil questão dos fenômenos inter-sensoriais e sinestésicos que compõe a ambiência (Böhme, 1991). Através de suas inúmeras contribuições, a ambiência se separou de áreas de conhecimento próximas e formulou um conjunto de perguntas delineadas (Amphoux, Thibaud, Chelkoff, 2004).

A estética das ambiências é parte do contexto geral urbano e da pesquisa arquitetônica. O objetivo é nitidamente ambicioso já que envolve nada menos que rever a própria disciplina estética, à luz da noção de ambiência. Tanto nas pesquisas de Gernot Böhme, na Alemanha, quanto nas de Jean-François Augoyard na França, os dois grandes fundadores desta estética, o objetivo é retornar a uma teoria fenomenológica da percepção sensível para que se tenha um meio para que seja notada a existência da atmosfera urbana. Assim, ambos autores concordam sobre a necessidade de desafiar a divisão tradicional entre sujeito e objeto. Definida como a atmosfera moral e material que circunda um lugar ou uma pessoa, a ambiência é precisamente a noção que questiona essa divisão e impulsiona sua desconstrução. Assim, Jean-François Augoyard (2008) - junto a Hermann Schmitz, um dos pioneiros desta nova fenomenologia - identificou quatro operações na raiz desta dicotomia: "objetivação (colocar uma exterioridade percebida à frente de um interioridade psíquica), psicologização (automatização das experiências vividas pelo 'eu'), reducionismo (decomposição do que é sentido em elementos abstratos), introjeção (amenizar, ou mesmo esquecer, o processo de divisão e a privatização dos sentidos)." O papel da estética das ambiências consiste em sugerir uma alternativa à esta forma de pensamento ao mostrar como a ambiência tanto precede quanto é indissociável das propriedades materiais do meio ambiente e o estado afetivo do sujeito sensível.

A noção de ambiência nos permite reintroduzir os sentidos na experiência dos espaços vividos e caracterizar nossas formas de experimentar a vida urbana, mas também imaginar e criar espaços urbanos e arquitetônicos. Não existe somente no nível de recepção sensorial, mas também no nível de produção material. Criadores diversos

como Adolphe Appia com o espaço cênico, Michael Chekhov com a performance teatral e Peter Zumthor com o *design* arquitetônico mostraram a utilidade das atmosferas no ato criativo. Em cada caso, é a ambiência que dá vida a um ambiente e o que dá seu efeito geral e seu tom único. Como afirmou Michael Chekhov (1991), "carente de atmosfera, uma performance fica bastante mecânica". Isso vale não só para a criação artística, mas também se aplica às múltiplas invenções e criações do cotidiano. Em suma, a ambiência cria a *poiesis* e a estética de ambientes construídos. O desafio é ajustar essas duas dimensões e relacioná-las às atuais mudanças na cidade.

Sensibilizando o mundo urbano

Se uma abordagem sensível da cidade é proposta pelas três estéticas acima, ela busca também permear grande parte das pesquisas que lidam com o traçado do espaço urbano contemporâneo. Atualmente, há poucas teorias que não incluem, de uma forma ou outra, os sentidos em seu discurso, quer elas os usem como um fator na governança urbana, um critério de planejamento urbano ou como meio de comunicação de um projeto. Em outras palavras, a vantagem da abordagem sensível reside não somente no caminho que ela abre em direção uma fenomenologia da experiência urbana, mas também no fato de que ela faz sentido na criação da própria cidade. Se esse fato se comprova, certamente não é coincidência dado que o meio ambiente sensível está na junção entre a qualidade de vida dos moradores, as estratégias socioeconômicas da cidade e os problemas ecológicos.

Um dos aspectos mais impressionantes da ecologia urbana atual é que ela é cada vez mais baseada em uma política voluntária e intencional de sensibilizar a cidade e em estratégias explícitas para dar ambiências aos espaços urbanos. Para exemplificar, podemos citar a tendência geral (pelo menos nos países ricos) de fazer paisagismo nos espaços construídos, ter uma abordagem cenográfica aos lugares cotidianos e planejar a animação dos espaços públicos. A possibilidade de discutir aqui a criação de ambiências nos espaços urbanos se deve ao fato que essas bases de envolvimento não operam mais isoladamente no contexto material e físico da cidade, mas também em seus componentes sensíveis e imateriais. Espaços habitados não são mais feitos somente a partir de um ponto de vista visual, eles também tendem a se construir baseados no som, na luz, cheiro, temperatura e ar. Cada vez mais, os projetos que pretendem transformar o ambiente urbano envolvem uma gama completa de mecanismos sensoriais. É como se a predominância do visual que acontecia na modernidade estivesse se direcionando para um reequilíbrio dos sentidos. A última Bienal de Veneza ilustra bem onde anda a "tecnologia de ponta" da arte neste assunto. Além disso, esta aceitação da dimensão multi-sensorial dos espaços urbanos tem sido acompanhada por uma atenção crescente às tonalidades afetivas dos espaços habitados.

A esfera urbana parece estar testemunhando um movimento duplo de programação festiva e as medidas draconianas de segurança em um amplo espectro que vai desde a "ecologia do medo" (Mike Davis) a "ecologia do encantamento" (Christine Boyer)

A respeito disso, a três estéticas discutidas acima podem funcionar, cada uma à sua maneira, para melhorar o entendimento dos desafios e questões desta criação de ambiência no mundo contemporâneo. Ao dar ao ambiente sensível uma dimensão sócio-histórica (a estética da modernidade), ao introduzir questões éticas na avaliação estética das áreas urbanas (estética ambiental) e caracterizar nossas maneiras de experimentar e criar o mundo sensível (a estética das ambiências), estas abordagens nos permitem

desenvolver modelos que deem sentido às mudanças urbanas atuais. Como tais, elas nos ajudam a examinar como a ambiência influencia a atual ecologia urbana dos sentidos.

Para concluir, mencionamos alguns indicadores de pesquisa que podem estimular o pensamento sobre o futuro da cidade sensível.

Esclarecendo como a noção de ambiência é usada

Tem se tornado cada vez mais necessário esclarecer como a noção de ambiência deve ser usada. Damos dois exemplos particularmente reveladores da criação de ambiências nos espaços urbanos: o marketing sensível (varejos atmosféricos) e os ambientes tecnológicos (inteligência do ambiente). Por mais diferentes que essas duas abordagens sejam em seus objetivos e bases científicas, elas revelam a eficácia da noção de ambiência para criar novos espaços que estejam em conformidade com as mudanças do mundo hoje. Quer a ambiência seja usada para desenvolver novas estratégias de varejo e incentivar o comportamento de consumo (Grandclément, 2004) ou inventar novos mecanismos de percepção e automatizar tarefas cotidianas (Wright *et al.*, 2008), tais esforços oferecem tecnologias do meio ambiente sensível adaptadas a objetivos cuidadosamente almejados, voltadas a estratégias funcionais e em sintonia fina com as oportunidades econômicas no mundo contemporâneo. Precisamos fazer uma clara distinção entre estes dois campos de ação, já que seus objetivos e efeitos são realmente bem diferentes.

Destacamos que a natureza já operacional da noção de ambiência em certos campos de atuação estão ajudando a mudar o mundo urbano atual (por exemplo, novos tipos de negócios e distribuições, domótica, realidade aumentada, tecnologias incorporadas). Mas devemos ser cautelosos, pois o uso da noção de ambiência não pode em hipótese alguma ser reduzido a tais lógicas estritamente comerciais e técnicas. Em vez disso, a teoria das ambiências na verdade nos permite colocar instrumentos excessivamente utilitários e instrumentais em perspectiva ao desafiar nossas maneiras de habitar e criar juntos o mundo de hoje. A questão, então, não é tanto influenciar o comportamento para fins comerciais nem mesmo dar aos moradores da cidade algum tipo de alívio do peso de seus corpos, mas sim examinar o significado e as consequências de tais indicadores. Em suma, para esclarecer o que significa a noção de ambiência, é indispensável discutir as premissas científicas e os investimentos estratégicos, assim como os valores éticos que controlam seus diversos usos.

Atualizando os desafios sócio-estéticos da cidade

A criação de ambiências nos espaços urbanos não carece de fatores sócio-estéticos, que precisamos atualizar ao máximo. Ir no caminho de uma leitura sensível dos meios ambientes urbanos envolve não só examinar de perto as mudanças que estão acontecendo, mas também ter um olhar crítico para seus efeitos e implicações. Em suma, é uma questão de aprender com a natureza política e social da "distribuição do sensível" (*partage du sensible*) (Jacques Rancière). Aqui, nos preocupamos com o futuro dos espaços públicos urbanos e das concepções sobre nossa habilidade de viver em um mundo compartilhado. Esta aplicação sensível da natureza pública de um espaço urbano pode ser dividida em pelo menos duas maneiras. De um lado, podemos perguntar se certas escolhas estéticas de planejamento urbano são também um meio de "redistribuir lugares e identidades" (Rancière, 2000), ou mesmo afirmar a predominância de um segmento da sociedade. Quer falemos sobre um "imaginário eco-

sanitário", planejamento urbano *clean* ou nova higiene social, é como se a busca por um meio ambiente higienizado ocorre paralelamente ao rebaixamento de certas categorias sociais consideradas indesejáveis. Por outro lado, o crescente controle sobre os ambientes sensoriais da cidade - usando luz, som, ventilação, odores e outras técnicas e estratégias de animação - tendem gradualmente a produzir espaços condicionados e deixaram pouco espaço para os rituais de interação entre transeuntes ou oportunidades para improvisação pública. Este novo controle das ambiências não corre o risco de produzir espaços públicos excessivamente neutralizados, formatados e pacíficos, limitando oportunidades para trocas e pequenos encontros entre transeuntes? Mais ainda, um meio ambiente excessivamente artificial não leva a uma perda relativa do contato com a realidade, resultando em uma sensação de estranhamento, uma experiência de ordem alucinatória ou percepção anestesiada? Tais questões meramente levam um pouco adiante aquelas levantadas pela estética da modernidade.

Reorganizando o entendimento sobre a ecologia sensível

Abordar espaços urbanos a partir de uma perspectiva sensível sem dúvida requer novas estruturas de pensamento a serem elaboradas e aplicadas. A noção de ambiência é um bom exemplo de um grande potencial heurístico e operativo que permite que perguntas sejam feitas, e se refere a questões até agora ignoradas; ainda assim é difícil definir teoricamente e entender empiricamente. Isso é porque a ambiência não pode ser reduzida a uma soma de fatores especificamente circunscritos, mas ela colore uma situação inteira ao se espalhar. Impregnação, radiação e contaminação são, nesse sentido, termos chaves que nos permitem definir o fenômeno da distribuição sensível. Como a atmosfera ou o clima, a ambiência funciona como um meio que mistura os mais diversos componentes em uma situação em uma única nota e, ao fazê-lo, confere a eles uma fisionomia geral e unidade. O mundo ambiental difuso, indivisível e intangível substitui a escultura da realidade em entidades discretas. Em suma, desenvolver a ecologia sensorial pressupõe a habilidade de nos libertarmos da ética das coisas e pensarmos em termos de *milieu* e relações baseadas na lógica da indefinição. Ainda, como acabamos de ver, isso envolve desafiar a oposição tradicional entre o sujeito sensível e o objeto percebido, já que cada um é, na verdade, um lado da mesma moeda. Mesmo de diferentes perspectivas, diversos filósofos contemporâneos estão se focando no pensamento relacional, disforme, imaterial ou atmosférico, todas categorias que ajudam a se afastar de uma orientação dualista ou substancialista. Esta tentativa pode envolver uma releitura de intangíveis ou do *doxa* (Anna Cauquelin), uma concepção esférica do espaço humano (Peter Sloterdijk) ou um grande desvio aprofundado pela filosofia chinesa (François Jullien). Todas tentam destacar os empréstimos do mundo ambiente e da textura sensível das nossas maneiras de viver. Todas são caminhos para um novo paradigma que nos permitirá pensar sobre as fundações vagas das maneiras contemporâneas de entender o mundo sob uma nova perspectiva.

Em direção à uma ecologia pragmática da cidade sensível

As primeiras três ideias, que tentaram esclarecer a ambiência (quais são seus usos?), avaliar as consequências práticas da noção (quais são seus efeitos?) e revisar os contextos de pensamento nos quais ela está baseada (quais são os desdobramentos?), abriram caminho para uma ecologia pragmática da cidade sensível. Assim, a questão não é tanto perguntar, de uma vez por todas, o que é uma ambiência, mas sim refletir

sobre o que ela faz e se torna, e o que ela provavelmente afetará e transformará quando for experimentada e testada fisicamente em situações atuais. Foi por isso que a privatização dos espaços públicos e o condicionamento dos ambientes construídos foram brevemente mencionados. Podemos também perguntar como uma abordagem ambiental abre novas perspectivas para questões sobre o meio ambiente sustentável, mudança climática ou poluição atmosférica. Afinal de contas, elementos variados como ar, água e plantas são tanto fatores ambientais quanto recursos naturais.

Conectar as estéticas das ambiências urbanas e arquitetônicas a uma ecologia dos ambientes naturais e físicos certamente permitiria uma melhor aplicação e consciência das questões, assim como um entendimento renovado dos mecanismos para integrar tais questões no cotidiano dos cidadãos. Para além do ativismo ambiental, que traz os problemas ecológicos para a esfera pública, as ambiências trazem pistas sensoriais sobre o estado e a transformação do meio ambiente do planeta de maneira vaga e, de algumas formas ajudam a guiar a atenção. Isso se deve, também, à natureza operativa da noção ambiental, sua habilidade de levar a outras perspectivas e de prenunciar novos tipos de ação. Em poucas palavras, não é nada menos que mudar de um saber contemplativo para um saber prático e fazer do saber um campo de experimentação ao invés de representação. Ao colocar a experiência sensível no centro das questões do meio ambiente urbano, esta ecologia pragmática demanda uma abordagem experimental do saber e uma revalorização da criatividade do agir.

Este artigo foi previamente publicado em francês como “La ville à l’épreuve des sens” In *Ecologies Urbaines*. Olivier Coutard & Jean-Pierre Lévy (eds.), Editions Economica, Paris, 2010, pp. 198-213. Agradecemos aos editores pela autorização para publicar este artigo em português.

Bibliografia

- Pascal Amphoux, Jean-Paul Thibaud, Grégoire Chelkoff (Eds.) *Ambiances en débats*. Bernin : Editions A la Croisée, 2004
- Jean-François Augoyard « La construction des atmosphères quotidiennes : l’ordinaire de la culture », *Culture et Recherche*. n° 114-115, 2008, p. 58-60
- Walter Benjamin *L’œuvre d’art à l’époque de sa reproductibilité technique*. Paris : Allia, 2003
- Arnold Berleant *The Aesthetics of Environment*. Philadelphia : Temple University Press, 1992
- Arnold Berleant, Allen Carlson (Eds.) *The Aesthetics of Human Environments*. Toronto : Broadview Press, 2007
- Gernot Böhme « Über Synästhesien / On Synaesthesiae », *Daidalos*. n° 15, 1991, pp. 26-37
- Allen Carlson « On Aesthetically Appreciating Human Environments » In Arnold Berleant, Allen Carlson (Eds.) *The Aesthetics of Human Environments*. Toronto : Broadview Press, 2007, p.
- Michael Chekhov *On the technique of acting*. New York : HarperCollins, 1991
- Cheryl Foster « The Narrative and the Ambient in Environmental Aesthetics », *Journal of Aesthetics and Art Criticism*. Vol. 56, n°2, 1998, p. 127-137
- Catherine Grandclément « Climatiser le marché. Les contributions des marketings de l’ambiance et de l’atmosphère », *ethnographiques.org*, Numéro 6 – novembre 2004 [en ligne]. <http://www.ethnographiques.org/2004/Grandclement.html>.
- Michèle Grosjean, Jean-Paul Thibaud (eds.) *L’espace urbain en méthodes*. Marseille : Editions Parenthèses, 2001
- Félix Guattari *Les trois écologies*. Paris : Galilée, 1989

Tom Leddy « The Nature of Eveyday Aesthetics », In *The Aesthetics of Eveyday Life*. Edited by Andrew Light and Jonathan M. Smith, New York : Columbia University Press, 2004, p. 5-22

Les Cahiers de la Recherche Architecturale. numero especial « Ambiances architecturales et urbaines », n° 42/43, 1998

Andrew Light, Jonathan M. Smith (Eds.) *The Aesthetics of Eveyday Life*. New York : Columbia

Jacques Rancière *Le partage du sensible*. Paris : La Fabrique, 2000

Philippe Simay « Walter Benjamin, d'une ville à l'autre », In *Capitales de la modernité. Walter Benjamin et la ville*. Sob direção de Philippe Simay, Paris : Editions de l'Eclat, 2005, p. 7-18

David Wright, Serge Gutwirth, Michael Friedewald et al., *Safeguards in a World of Ambient*